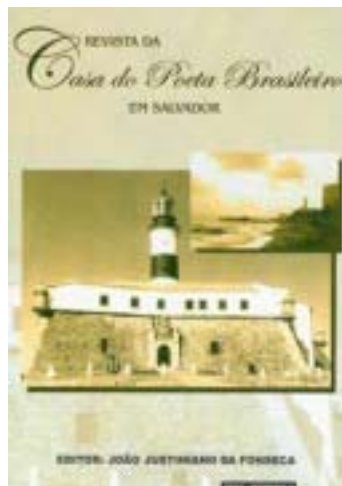


# CASA DO POETA BRASILEIRO EM SALVADOR POEBRAS – SALVADOR

2002

NÚMERO 4

Editor – João Justiniano da Fonseca



"Na época atual, materialista e imediatista, de um egoísmo embrutecedor e insano, o qual gera a competição feroz em que se debatem os indivíduos e as nações, neste mundo amargo que tem como princípio o Medo e como estigma a Miséria, os poetas mais do que nunca são necessários, pois são o último baluarte da Lucidez, dentro de uma sociedade que tem como norma a Contradição". (Aparício Fernandes em Nossas Poesias – prefácio)

**CASA DO POETA BRASILEIRO EM  
SALVADOR  
POEBRAS – SALVADOR**

**Diretoria:**

Presidente – João Justiniano da Fonseca  
Vice-presidente – Zínia de Araújo Góes  
Secretária - Pérola Bensabath  
Diretora de Biblioteca – Conceição Affonso  
Diretor de Eventos – José Pedro Machado  
Diretor de Intercâmbio Cultural – Oswaldo Francisco Martins

**Conselho Fiscal:**

Nilson Petronilo de Souza  
Antônio Nunes de Almeida  
Milton Costa

Consultor Jurídico:

Dr. Eunápio Amorim

Coordenador do Concurso:

Oswaldo Francisco Martins

Patrono Perpétuo – Castro Alves

Patrono de honra – Virgílio José de Almeida

Patrono de gestão - Rodolfo Coelho Cavalcante

Comissão Julgadora:

Elza de Melo

Consuelo Dantas

Heloísa Graddi.

**SUMÁRIO**

PÁGINA DE ABERTURA

ENTRE A CAÇA E O CAÇADOR O VELHO SONETO RESISTE...

HOMENAGEM....

ANOTE-SE

RETIFIQUE-SE

CORRESPONDÊNCIA....

I CONCURSO INTERESCOLAR DA BAHIA

    Daiane Nascimento dos Santos

    Juliana dos santos Brito

    Rafael Farias Teixeira

## GENTE DA CASA

ARNALDO RIPPEL  
AREOALDO DE PAULA  
ALÁDIA PEREIRA DE ALMEIDA  
CÂNDIDA PAPINI  
CÉLIA LAMOUNIER DE ARAÚJO  
CÉLIA PEREGRINE  
EDITH MARLENE DE BARROS  
ESTER DA SILVA VASCONCELOS  
ESTER LEONOR MAGALHÃES FERREIRA – JÔ DE PAULA  
HELOÍSA PINTO FREITAS GRADDI – HELOÍSA GRADDI  
ILMA FONTES  
ISAIAS MOREIRA CAVALCANTE  
IVONE SELISTRE  
JOÃO BOSCO DE CASTRO  
JOÃO JUSTINIANO DA FONSECA  
MARA CARVALHO LEITE.  
MARIA AMELIA GONÇALVES HILLAL  
MARIA DE LOURDES PITON  
MILTON COSTA  
NILSON PETRONILO DE SOUZA  
OLGA MATHION  
OSWALDO FRANCISCO MARTINS  
PÉROLA BENSABATH  
SONILTON CAMPOS  
VALDEVINO NEVES PAIVA  
PÁGINA DE FECHO.....

## PÁGINA DE ABERTURA

O quarto número. Pura vontade, necessidade de cumprir a missão que me foi confiada e acolhi com amor. A revista nasceu para os sócios, destinada a estes, no intuito de apresentar os seus trabalhos e congregá-los numa publicação que seja nossa, produzida por nós, para leitura dos afeiçoados à poesia. Só poesia, eu já o disse, é, aqui, nosso compromisso.

Não são muitos os sócios da Casa em Salvador – fundadores, efetivos e correspondentes -, e nem todos são presentes à publicação, ainda que a todos se faça o convite anual. As razões são diversas e são de cada qual. Há ressalvas ao trabalho e à apresentação da revista, pequenina, de brochura grampeada. E mais, sobre a cobrança da contribuição, considerada alta. E é verdade, é alta contribuição e muitos não podem arcar com o ônus. Mas os custos são igualmente altos, sobretudo para os que moram fora de Salvador. O serviço postal quase impede a remessa de livros. ***Passou de volume aquele sedex nele!*** Meu amolecido coração de 82 anos, curva-se, para agradecer aos que acreditam no projeto e confiam em minha vontade de, humildemente, divulgar os consócios, oferecer tudo que posso à Casa. Se houver sobra, e nem creio nisso, ficará para a Instituição, que é de nós todos. E disso prestaremos contas.

São quatro anos que assumi a presidência e aqui está, pobrememente embora, o quarto número. Creio que, ou conseguimos patrocínio, ou desistiremos da revista. A cobrança da contribuição está incomodando. A mim, sobretudo. Dá-me uma sensação de dependência, coisa de que não gosto.

A Casa do Poeta Brasileiro nasceu, pela iniciativa e sob a liderança do poeta Nelson Nilo Fachinelli, com o objetivo de congregar os poetas e amantes da poesia de linhas e inclinações diversas – tradicionalistas, modernistas, trovadores populares e cantadores, trovadores literários, haicaistas, poetixtas, acadêmicos e não acadêmicos, em uma associação que suba dos Pampas à Amazônia. Nos Pampas nasceu, à Amazônia pretende chegar. Foi embasado nesse mesmo sonho, embalado por esse mesmo ideal que imaginei esta revistinha. Estou na reta final. Confesso-me cansado e sem ilusões. Já me falta suporte para as grandes emoções, ainda que resista amorosamente ao trabalho. Daí porque, precise sair para o repouso. Se chegarmos ao quinto número, talvez já não seja de meu encargo. Que os moços poetas e sonhadores recebam o ramallete e o transformem em jardim, de jardim em floricultura que vá às terras férteis do coração, e as ultrapasse, chegue ao deserto dos peitos indiferentes e os fertilize, e os transforme em oásis contínuo, mudando a paisagem de seus pobres areais. Vá à posteridade o nome do criador da POEBRAS, poeta Nelson Nilo Fachinelli.

## ENTRE A CAÇA E O CAÇADOR O VELHO SONETO RESISTE

Anibal Beça

Navegando dia desses pela Internet, aventura de capitão de primeiro-curso, dei de cara – dentre as formalidades mais ousadas do ponto de vista plástico-visual e de linguagem – com a página de um poeta cibernético. E na telinha do meu pentium, solenemente estampado, lá estava um velho soneto novo. Ou seria um novo soneto velho?

As duas proposições fizeram com que eu saísse do momento sistêmico virtual para a minha realidade real: - Peraí, mas a poesia não morreu? E o velho album de poemas das normalistas do meu tempo ainda existe? Onde? E as moiçolas lânguidas dos saraus?

As frases soavam como versos Foi aí que me dei conta, memória de declamador, de que eram versos mesmo, que ficaram bem guardados, do poeta Fernando Mendes Viana, pinçados do seu belíssimo "Alerta ecológico".

Fernando, nesse poema, denuncia e questiona a nossa vida atual, programada em escala industrial, que dizima poetas e borboletas. Então o poeta seria um ser em extinção, sem lugar nessa Nova Ordem Mundial. Diante deste paradoxo, o poeta, começa a perguntar a si e aos outros, à procura dos culpados:

"Afinal de contas não acabaram os domingos, nem acabaram as adolescentes, nem os piqueniques. Há menos ilusões, é bem verdade. E os jardins e as praças estão mais poluídos. Mas ainda há poetas e borboletas. Por que nos caçam em extermínio metódico?"

A pergunta do poeta se encorpa com a deste que escreve a ti, leitor: Por que caçar Poetas? E borboletas? No poema, poeta e borboleta se confundem num só gênero do reino animal, mas com a ressalva de que "algumas variedades acabaram: o poeta romântico e a borboleta de lentas e grandes asas como leques azuis.

Transformados de tuberculosos em burocratas e de malditos em bandejas, professores, críticos, homens de propaganda, pires, pratos, medalhões de *souvenirs*. Somos a esdrúxula atração de alunos e turistas. Espetados atrás de vitrines ou esmagados – entre as páginas gordas de um dicionário ou Um vademecum de tabus e códigos – As asas do poeta e da borboleta viram pó. Mas para os poetas há mais esperança Do que para os lepidópteros: Vendemos menos".

A sentença sardônica do poeta cai como um paradigma: não se edita mais poesia por que poesia não vende e, por conseguinte, se não vende, morreu. Bom, dessas mortes anunciadas, já estamos acostumados, aliás, desde que fomos expulsos da República de Platão. Por isso, continuamos mortos, redivivos.

O surpreendente dessa discussão, o tema que nos interessa aqui, é mesmo a vitalidade desse poema de 14 versos, que desde a sua invenção (atribuída ao poeta siciliano Giacomo da Lentino, 1180-1190?) vem caminhando e construindo sua história com um charme irrefutável. É verdade que ele foi esnobado pelos românticos, mas logo logo os parnasianos fizeram dele seu *tour-de force* tão

exacerbado, que os modernistas, em sua maioria, entre muxoxos e mugangas, deixaram-no à margem mas, imediatamente, a geração de 45 o entronizava de novo.

Acredito que a perenidade da forma esteja ligada ao seu modo de propor o "claro enigma" com seu enunciado, passando pela mensagem até o chamado insight do poema ou como queriam os parnasianos: a chave de ouro. Seja na forma petrarquiana, estrambótica ou inglesa, o velho soneto vem reagindo e sendo experimentado até por correntes da vanguarda. Claro que a linguagem e sua sintaxe são outras.

Mas a questão remete a um outro velho imbroglio. A poesia deve se voltar para as velhas formas ou abandoná-las por ousadas ditas modernas? Para ilustrar esse affaire tomo declarações de vários poetas, que não por acaso vêm de encontro ao que penso e professo.

Formalmente, a poesia não poderia chegar a ser mais livre do que já foi até hoje. Todas as experiências com a palavra organizada no conjunto poético já foram tentadas. Diante desse esgotamento estético, percebe-se uma volta, lenta e gradual, à poesia de forma fixa, à rima e à métrica, ou seja, o retorno àquela herança de mais de vinte séculos de prática poética ocidental e que não tem sentido ser esquecida e muito menos relegada.

Para o poeta, ensaísta e tradutor ( Baudelaire, Eliot, Dylan Thomas) Ivan Junqueira, um dos representantes mais respeitados dessa corrente de pensamento, as vanguardas, sobretudo as que se desenvolvem fora do sistema da língua, aquelas que necessitam das muletas de outras modalidades artísticas, "tornam-se autofágicas e epigônicas, em sua busca pirrônica do novo pelo novo, o que levou um poeta como Eliot a exaltar o velho para que o novo pudesse sobreviver. É por isso que costumo dizer que não se pode *make it new* sem, em certo sentido, *make it old* e arremata citando Eliot: "não há o novo sem o antigo, mesmo porque o "tempo presente e o tempo passado estão ambos talvez presentes no tempo futuro, e o tempo futuro contido no tempo passado. (In "O estado do Maranhão",22/08/99, entrevista concedida ao poeta Luis Augusto Cassas).

O fato é que as vanguardas se exauriram na busca do novo, ao ponto de, pelo cansaço, retornarem com nova leitura, no afã de extrair de tais formas, novos efeitos poéticos.

Carlos Drummond de Andrade, em certo momento, inquirido a respeito do assunto, preferiu sugerir outra tarefa: "a de disciplinar o chamado caos moderno, a de pesquisar e estabelecer as leis da poética moderna, leis de gosto, de psicologia, de filologia, de ritmo e de métrica".

Manuel Bandeira, que iniciou sua carreira poética com um soneto, nos revela em seu "Itinerário de Pasárgada" (ele que havia pregado a licenciosidade contra o "lirismo-funcionário-público), surpreendendo críticos e leitores pelo seu gosto em poesia, das formas tradicionais: "gosto das formas fixas porque elas são padrões estróficos de raro equilíbrio, vivazes, mnemônicos, porque satisfazem o meu gosto de ordem, de disciplina".

Para Mário de Andrade, a poesia "se tornará cada vez mais livre, mas no sentido de libertação de escolas e de definições exclusivistas. Não se trata de voltar a processos de poética que jamais foram abandonados. Trata-se apenas de

adquirir maior equilíbrio entre a realidade de um determinado estado-de-poesia e os elementos de poética que lhes sejam mais adequados".

Citei quatro opiniões de grandes poetas brasileiros como poderia ter trazido as de outros poetas cidadãos do mundo e de outras línguas. A recomendação que se entrega, principalmente para os que se iniciam agora, é , dentre outras coisas, a de que não importa a forma escolhida para o seu poema. O que importa são as suas idéias, imagens, ritmo, apresentadas a tribo numa linguagem do nosso tempo.

Para finalizar, volto ao nosso velho soneto novo e àquele, especialmente, estampado no site do cyberpoeta visitado, que me deslumbrou motivando e me empurrando a escrever este artigo e a um soneto que se segue depois deste.

## **PARA FAZER UM SONETO**

Caros Pena Filho

Tome um pouco de azul, se a tarde é clara,  
e espere pelo instante ocasional.  
Neste curto intervalo Deus prepara  
e lhe oferta a palavra inicial.

Aí, adote uma atitude avara:  
se você preferir a cor local,  
não use mais que o sol de sua cara  
e um pedaço de fundo de quintal.

Se não, procure a cinza e essa vagueza  
das lembranças da infância, e não se apresse,  
antes, deixe levá-lo a correnteza.

Mas ao chegar ao ponto em que se tece  
Dentro da escuridão a vã certeza,  
Ponha tudo de lado e então comece.

Carlos Pena Filho, poeta do azul como ficou conhecido, era pernambucano do Recife, autor de "O tempo da busca", "Memórias do Boi Serapião". Foi um renovador do soneto na temática e, sobretudo, na linguagem, carregada de oralidade, essencialmente musical e de forte apelo pictórico.

## **SIMPLES SONETO**

Anibal Beca

Desejado soneto este que é escrito  
sem as firulas graves do solene,  
que leva na palavra o simples rito  
da fala cotidiana. Não condene

no entanto, a falta de um estro especioso,  
nem de brega rotule esse meu vezo.  
Apenas sinta o som oco e poroso  
do fundo mar de anêmonas, o peso

rarefeito das algas nos peraus.  
Essa cantiga filtra nossos medos,  
as culpas e os tabus, e dá-me o aval

para buscar o simples e em querê-lo  
ornamento de estética espartana  
na faxina ao supérfluo que se espana.

Anibal Beça, é poeta e jornalista, autor, entre outros, de "Noite desmedida", "Filhos da Várzea", "Suíte para os habitantes da noite" a".

Referência:

[Poesia eternamente-unsubscribe@yahoo.com.br](mailto:Poesia_eternamente-unsubscribe@yahoo.com.br), 16-12-2002, 8:08.

## HOMENAGEM

Vai para a Argentina, a homenagem deste quarto número, na pessoa de Perpétua Flores, correspondente da Casa do Poeta Brasileiro naquele país irmão. Uma grandeza espiritual. Um coração de criança. Um talento literário. Uma inteligência de impressionar. Pega tudo no ar, entende antes de nós outros, de lucidez comum. E responde, quando é o caso, com uma finura irônica que espanta. É gaúcha de nascimento, natural de Santo Ângelo. Vive Buenos Aires há mais de 25 anos. De profissão, professora de português, jornalista, editora, ensaísta e radialista com um programa radiofônico dominical voltado para a cultura, no qual esbanja sabedoria e decanta os dois países (Brasil e Argentina) e seus poetas. Idolatra a terra natal, chora, como em regra os exilados, a saudade dos familiares e conterrâneos. Ama a Argentina, país que adotou e onde viveu sua grande paixão com um intelectual de igual nível – Arturo Berenguer Carisomo, o saudoso esposo. Poetisa, cronista, contista. Com trabalhos publicados em português e espanhol. Destaquemos Noite e Dia – homenagem ao centenário da Lei Áurea. Uma composição poética de rara beleza. Soluça a dor da escravidão negra e canta o trabalho do homem de cor, glorifica o heroísmo do operário da grandeza das Américas e enaltece o ato de Izabel, princesa.

Sei pouco de sua história. Traços colhidos em rápidas conversas nos intervalos dos encontros programados para os congressistas. Conhecemo-nos por ocasião do X Congresso Brasileiro de Poesia, em Bento Gonçalves. Aí, vimos e ouvimos muita coisa – em poesia, pouco; mais em artes plásticas e "poesia visual", "poesia experimental" e besteiro (seja-me desculpada a definição), aliás, espetáculo de mímica voltada para o humorismo. O congresso poderia perfeitamente ser chamado de festival.

Um declamador elogiado fartamente pelo coordenador dos trabalhos, anunciado como participante daquele encontro pela sétima vez, teve seu momento de glória. Muito aplauso. O espetáculo apresentou-se em uma escola. A moçada sequiosa de ouvir poemas, ver o novo, sentir o fervilhar da vida e propensa a bater palmas, como em regra são os adolescentes frente à novidade.

O "declama dor" sentava, deitava, comia e bebia no "palco". – "Este é um poema de declamar sentado": senta-se no chão e diz alguma coisa sem nexos. – "Este é para declamar deitado": estira-se no chão, e lá vai bobagem. – "Este é o menu": leva pendente do pescoço alguma coisa como biscoitos, sai comendo e oferecendo aos assistentes da primeira fila. E estes comem. Só isso, e são poemas experimentais. Para finalizar, extravasa a gaiatice e chega ao cúmulo da gozação. Fala que vai ler um soneto. *Agora vou ler um soneto: primeiro quarteto* - olha em volta, faz alguma expressão mímica, uns mungangos e vai adiante: *segundo quarteto* – repete caretas e esgares; prossegue: *primeiro terceto* – gestos de nobreza e muita importância; finaliza: *segundo quarteto* – sorri irônico, galhofeiro e enfatiza: *ponto*. As palmas explodem de todos os lados, inclusive dos intelectuais presentes – os poetas, com alguma ressalva, é claro.

Olhamo-nos silenciosamente eu e a Perpétua, a meu lado. Intrigados. De almas manchadas pela piada de mau gosto, gozando a arte poética. Mais que isso, envergonhados do aplauso fácil dos confrades. Poetas e editores, que também os havia. Na saída ela inutilizaria dois negativos de sua máquina fotográfica, clicando a noite. Percebi e silencieei sem entender. Mais tarde, quando em uma reunião interna dos participantes da Casa do Poeta Brasileiro, presentes ao congresso, disse de minhas queixas e lamentações, houve quem defendesse aquela coisa como muito boa. Era uma performance, uma novidade, esclareceu-se. Como um bobo na rua, falando asneiras? Devia ser. Horas depois a Perpétua apresentar-me-ia o poema a seguir reproduzido. E ao lê-lo, entendi as fotos da escuridão, que se destinariam a ilustrar o trabalho. Era um protesto, talvez somado a uma ação de solidariedade para comigo, amante incondicional do soneto, ali tão mesquinhamente ridicularizado.

### **DAS COISAS ESPERIMENTAIS**

Para João Justiniano

O verso experimental  
é o espelho do avesso.  
Um romance no final  
que nunca teve começo.

Uma chave, sem a porta.  
Um livro com nada escrito.  
A eternidade morta.  
E o silêncio num só grito.

A foto por mim tirada  
- de uma lembrança em meio -  
ficou como uma empada  
com casca e sem recheio.

A foto experimental  
nem sempre dá "positivo".  
O ser, pensa que está vivo  
para bem do próprio mal.

E sai a fotografia  
da pessoa, sem pessoa,  
como na radiografia  
a própria sombra à toa.

O esqueleto sem osso  
nenhum, nenhuma artéria  
considerado um colosso  
e não passa de miséria.

O soneto que escutei  
e não escutei, não tinha  
como a túnica do Rei  
das 14 uma só linha...

Como esta foto que o mundo  
vai aplaudir - doido à beca.  
Quanto balde há sem fundo!  
E poeta sem cabeça!

Assina o original com estas referências:  
Perpétua Flores  
Outubro 2002  
Congresso e Festival de Poesia.

## **ANOTE-SE**

Recebi correspondência de uma pessoa amiga fazendo referências à REVISTA POEBRAS SALVADOR, número 3. Depois de tecer elogios ao trabalho **Brincando de Poetar**, encerrado com um poema de minha autoria, refere-se igualmente ao poema a seguir àquele trabalho, **O LIVRO E A AMÉRIOCA**, dando a entender que o tomara como meu. Isso me assusta! O Poema estava programado para impressão em seguida à **PÁGINA DE FECHO**, que vincula o nome de Castro Alves. Uma advertência de que pareceria melhor colocar-se antes, levou-me a deslocá-lo, deixando, por descuido, de encimar o nome do autor. Mas, é tão conhecido o poema, tão cantado e decantado neste País de sul a norte, que nem carecia, diz-me outro amigo. Mas sempre carece o destaque do nome do autor de um trabalho intelectual. **O LIVRO E A AMÉRICA** é do glorioso gênio da Poesia Nacional - Antônio Frederico de Castro Alves, que não é, apenas, o ídolo dos que, no Brasil, amam a poesia, é também, o ídolo do povo, e, no caso da POEBRAS SALVADOR, seu Patrono Perpétuo. Ocorreu-me, só depois da palavra do leitor, que a Revista teve circulação também em Portugal, visto que um dos premiados no III Concurso é lisboeta. Daí a necessidade deste esclarecimento, que vai com o pedido de desculpas.

## **RETIFIQUE-SE:**

- 1 - O Diretor de Eventos não é diretora, é diretor – José Pedro Machado.
- 2 – No poema de Zínia de Araújo Góes, à página 53, onde se escreveu putrificando, não é, é purificando.

## **CORRESPONDÊNCIA:**

### **De Maria de Lourdes Nunes de Andrade - Rio:**

"Parabenizo-o pela iniciativa da promoção de concursos de poesia, bem como pela excelente qualidade da Revista da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador, editada sob sua direção". Obrigado Maria de Lourdes, em meu nome pessoal e em nome dos mais diretores da Casa. Trabalhamos em equipe. Todos participamos. Estamos no nº 4.

### **De Maria Madalena Ferreira - Magé:**

"A Revista está ótima, a começar pela capa – ornamentada com a monumental fachada do Solar da Boa Vista – a Casa de Castro Alves..." Gostei demais do poema de autoria do Coronel Poeta Newton Meyer Azevedo "Canta, Brasil. – É lindo!" Lindos os sonetos Filosofia de Um Poeta, Convicção e Cândida e Laura!". Vamos para frente Maria Madalena. Em nome da Casa, obrigado".

### **De Mário Pires – Campinas:**

"Felicitoo com efusão, pela magnífica Revista de nossa Casa do Poeta Brasileiro, não só, pela apresentação, como pelo conteúdo, poetas e poetisas

brilhantes como o caso do amigo". Muito obrigado, Mário, querido amigo. A palavra de pessoas como você, ajuda e dá força.

**De Olga Mathion – Jundiá:**

"... parabenizando essa Organização Cultural pela ordem e beleza desse movimento, incentivando os Escritores e Poetas, que até então escreviam prosa e versos e deixavam tudo na gaveta, sem oportunidade de edição". Obrigado Olga. Essa palavra anima a gente e impulsiona a continuar.

**Rosevaldo Alves - Guarapuava – PR:**

"Parabéns pela iniciativa dos propósitos alcançados! Parabéns. Você é gente que faz cultura e a sua obra literária é bem produzida. 'Os Deuses e a Guerra' confirma a sua sensibilidade não alheia à Humanidade. Outra que apreciei em especial foi Sabre-Cidadão, de João Bosco". É isso aí, Rosevaldo. Obrigado.

**De João Batista Coelho – Lisboa**

"Gostei muito do trabalho que conquistou o 1º lugar – talvez por tratar o tema que foi proposto pela óptica com que eu o abordei – engenhado pela autora com uma doçura especial que parece cantante em estrofes de seis versos".

Destaco, ainda, (e possivelmente, pela melodia da rima) a forma escorreita como foi escrito o trabalho que foi classificado em 9º lugar.

Parabéns pela vossa iniciativa. Se continuarem esse projeto gostaria que me dessem conhecimento na ocasião oportuna". Obrigado xará. Vamos a ver até onde chegaremos. O tempo já anda escasso para mim, pessoalmente. A plantinha é bem tenra. Minha fé é que os sucessores a adubem e ela se faça vetusta e alcance a posteridade.

**De Lucy Gorayeb Mourão – Belém, PA.**

"Quero parabenizá-lo pela confecção da revista. Além da capa trazendo o Solar da Boa Vista – Casa de Castro Alves, o editor foi muito feliz na sua seqüência, ou seja, primeiro os premiados, depois gente da Casa. Grande foi a minha alegria ao receber a Medalha e o Diploma, como prêmio pela classificação de um poema de minha autoria em 3º lugar".

**De Ivone Selistre – S. Antônio da Patrulha – RS**

..."esta Revista, como as demais, está excelente – bonita e com textos de alto nível. Valeu todo o seu empenho em fazê-la circular. Parabéns. Aqui já foi lida, comentada e admirada em reuniões literárias".

## NOTÍCIAS

Realizou-se em Bento Gonçalves, RS, entre os dias 7 e 12 de outubro, o X Congresso Brasileiro de Poesia e X Encontro Latino-americano de Poetas e Casas de Poeta. A POEBRAS SALVADOR deu presença na pessoa de seu presidente, ao lado dos confrades da CAPORI entre os quais se destacavam Nelson Fachinelli e Joaquim Moncks, da Casa do Poeta em Brasília, representada pela poetisa Nina Tubino e da Casa do Poeta Brasileiro, pela direção nacional. Para internacionalizar o encontro, disse sim a representante da POEBRAS em Buenos Ayres, poetisa Perpétua Flores.

Coisas boas e coisas razoáveis, às vezes até lastimáveis. Como aquela do "declamador" que a título de apresentar poesia experimental, em uma performance estúpida sentava-se no chão, deitava e rolava, comendo biscoito e dizendo piada como se declamasse. Piada sobre o soneto? Anda hoje os grandes poetas deste país o compõem. Os modernistas também. Assim foi com o pessoal da Semana de Vinte e Dois. Vejam-se, por exemplo, em página adiante, Manuel Bandeira e Menotti Del Picchia. Criar novidade é uma coisa, asneirar é outra, muito diversa.

Ficou-nos a impressão de que as apresentações não foram bem programadas, por isso houve bastante improvisação. A acomodação dos participantes no Hotel Vinocap foi muito boa, e a fartura de vinho, diariamente, no final dos trabalhos, uma festa. Parabéns ao coordenador Ademir Bacca. E um palpite: ouça mais pessoas na próxima programação. E ofereça um ensejo de participação, de melhor presença aos convidados que se deslocam de longas distâncias, do Guaporé, por exemplo, da Argentina, da Bahia sem que ao menos sejam ao menos notados.

## I CONCURSO INTERESCOLAR DA BAHIA

Compareceram cinco concorrentes. É possível que falhasse a divulgação. Não creio na ausência do jovem às coisas do espírito, sobretudo à poesia, que está na alma de nossa gente. Foi um teste. Iremos a outro com melhor planejamento. Feita a seleção pela Comissão Julgadora, aí vão os três premiados.

**Primeira classificada – Daiane Nascimento dos Santos.** Aluna da Escola de Educação Básica e Profissional (1º ano básico) – Fundação Bradesco, Salvador. Professora de Português – Mirian Reis. Tel..residencial: (071) 3052839.

### HINO INDÍGENA

Somos os filhos desta pátria, mãe gentil indígena.  
Somos o fruto da mandioca, do abacaxi recém-colhido,  
da vitória-régia usurpada.

Somos os netos gentis do velho pajé.  
Somos os curumins da favela Amazônia e os traficantes  
do seu tupi-guarani.

Desfavorecidos da herança dos brancos,  
somos os filhos ingratos que reclamamos na Justiça  
de Deus os bens dos homens.

Reclamamos do nosso presente por não sabermos  
a resposta do futuro.  
Um homem asmático a destilar o ar do Brasil.

O nosso futuro é escrito a ferro e fogo,  
a água e sangue.  
Sangue de muitos.  
Força de poucos.  
Resistimos e assistimos ao fim de muitos.  
Nosso futuro nem os mais íntimos espíritos da terra sabem.  
Eles esqueceram de ser brasileiros.

**Segunda classificada - Juliana dos santos Brito.** Aluna de Literatura da Professora Regina Bárbara Luz de Jesus, cursando a 1ª série do Ensino Médio do Colégio Mendel, Salvador, Bahia. **Endereço:** Setor C, Cam. 22, nº 8, Mussurunga I, Salvador, Bahia, CEP 41510.190. *E-mail:* julis\_brito@hotmail.com tel. (0xx71)285-4071; cel: (071)9932-9225.

## **POEMA URBANO**

Como são doces as palavras do poeta  
Escritas sob o canto dos pássaros  
Vendo o verde... o mar... o céu.  
Queria ser eu o poeta.  
Falar de pétalas de rosas,  
Comparar olhos a lindas frutas  
E associar vozes ao som da natureza.  
Estou em meio à rua  
E não vejo inspiração para o poema.  
As imagens com as quais me deparo  
Não servem para o poema.  
Vejo o rápido amar.  
Estou em meio à rua,  
Por trás da janela,  
E o poema urbano está condenado à solidão.  
Permanecer dentro da gaveta  
Em uma sala,  
Vidros selados, portas fechadas.  
Cercado de próximos estranhos,  
Observado pelo ar condicionado.

**Terceiro classificado - Rafael Farias Teixeira.** Aluno de Literatura da Professora Regina Bárbara Luz de Jesus, cursando a 1ª série do Ensino Médio do Colégio Mendel, Salvador, Bahia. **Endereço:** Praça Marconi s/ nº, Ed. Jardim da Pituba, apt. 401-B, Pituba, Salvador, Bahia, CEP 41830.200. E-mail: [rafael\\_ft@hotmail.com](mailto:rafael_ft@hotmail.com), tel. (0xx71)347-3482; cel.: (071)9963-3559.

## **O FIO SOLTO DA CAMISA**

Rebelde, levantado, inerte.  
O simples fio solto, solitário,  
Da minha camisa, no armário,  
Dentre tantas, é a minha veste.

O olhar parado naquela imperfeição.  
O tempo passa, impiedoso.  
Ele continua, silencioso.  
Tento conserta-lo com a mão.

Ele volta toda vez, sempre,  
Nunca partirá da camisa velha  
De azul agora já desbotado.

A balançar no ombro, displicente,  
Como uma marca eterna,  
Caçoando do meu lado.

Meu cúmplice, minha falha,  
Não posso trocá-la,  
É a camisa que tenho  
Já está usada.

## **GENTE DA CASA**

**ARNALDO RIPPEL.** Médico ortopedista. Membro da Academia Petropolitana de Letras, da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, presidente do Clube de Poesias do Petropolitano Foot-ball Club, membro da ala de Compositores da Portela e Unidos da Tijuca. Pai de Júlia e Edgard.

## **TATUAGEM**

Engraçado... Cedo aprendi como é difícil a arte de "gostar" o quanto isso é complicado, é embolado... Lembro-me bem, João ama Maria, que ama José, que ama Manoel, etc, etc, etc...

Assim fui caminhando, vida à fora, braçadas em mar profundo, mergulho em águas rasas, vôos sem teto, velocidade inútil com o freio de mão puxado... asas alçadas, âncora cravada, em voltas e idas, em frios e calores, em ondas, maremotos, vagalhões, emoções trancadas depois ativadas, no fundo de mim, no fundo de tantos "eus", no meio de um furacão, no dentro de um lotação, um bem me quer muito mais que mal me quer, um não desistir de voltar, um incerto retornar, maré baixa, sofrimento alto, vida, quase mania, quase palco, pó que vira talco, amor malhado, marretado, que não é desejo, não é melhora, não é energia, é pólo negativo, é passado, é passivo, é apenas mais um ponto perdido no jogo da vida...

E outra vez vem o Poeta, o raio, a natureza, o Trovão, o poder, represados, agrupados, vida empregada em quebrar uma muralha, domar um dragão e jamais abrir mão de ser feliz...

Por isso a crença, mesmo devastado, combalido, meio que um dique ruído, em uma inundação sem volta... Acredito nessa visão miragem, que enche os olhos de vontades, povoa meus desejos, molha meus lábios, faz tremer a terra e sacudir tanta poeira, dia e noite bordo essa imagem, o teu olhar... Explosão... TATUAGEM... Que como luz eterna em um escuro desfiladeiro, povoa para sempre minh'alma...

## **BRASIL CARIOCA (CINELÂNDIA)**

Luz traça a praça voando  
É a Portela com graça cantando  
Da babel carioca eu brindo a vida  
Não tem "the end" nessa tela coloria  
Abro as cortinas pra cantar  
Minhas retinas vão brilhar,  
Num quê de sonho e saudade  
Cinelândia... Pulsa forte  
O coração dessa cidade  
Na magia das esquinas de um Rio pecador  
Travestis, malandros "meninas",  
Desfilam alegria e amor  
Roubo o beijo e ganho o dia  
O Bola Preta é o quartel da alegria  
Pegando o bonde eu vou cantar  
Na Rio Branco meu amor vai desfilhar  
Eu vou sonhando no escuro do cinema  
Em cartaz "felicidade", minha escola rouba a cena  
Na ribalta canto e danço, gala internacional  
Minhas lágrimas rolaram, no municipal  
Estrelas florescem o chão  
Poesias do sim e do não  
A noite sorrindo me abraça  
Lá vou eu de novo pra praça  
Passa rico passa pobre  
Tem plebeu e até nobre  
"Curta" na metragem dessa tela...  
CINELÂNDIA... SONHO AZUL DA PORTELA...

**AREOALDO DE PAULA.** Poeta e escritor. Participante de 90 coletâneas regionais, nacionais e internacionais. Agraciado com 4 comendas, 13 medalhas de ouro, 1 de prata e 1 de bronze, 80 diplomas de mérito e participação. Dois livros individuais – *Uma Rosa em Tua Mão* e *Reminiscências de Minha Velha Paracatu*. Nascido em 01/05/1942 em Paracatu, MG, filho de Francisco de Paula e Alísia Botelho de Paula. Residência QI 02 conj. Q casa 54. Guará I. Brasília. DF. 41.010-170.

### **DESASSOSSEGO DE AMOR**

Queria eu esquecê-la  
Arrancá-la do meu peito...  
Grande foi meu fracasso  
Queria... Não teve jeito...

Tento, já não consigo respirar,  
Vendo-a não consigo enxergar...  
Por vezes até choro, porém  
Sem querer chorar...

Sou uma ave sem ninho  
Sem lugar para pousar...  
O ciúme assassinou nosso amor,  
Tirando-me a vontade de lutar...

No vazio de minha existência,  
Procuro meios para te esquecer...  
Mas é tempo perdido, pois  
Não deixo de amar você.

Meu sono virou pesadelo,  
Profundo, difícil de acordar...  
Cabisbaixo e abatido vivo,  
Não paro de em ti pensar.

A noite se vestiu de negro,  
O dia belo perdeu a cor...  
Nada vale nesta incógnita vida,  
Neste desassossego de amor...

Viver sem você e tão triste,  
Dormir sem você não consigo...  
Não vá embora, por favor fique,  
E liberta-me deste castigo.

Dá-me um abraço, um beijo,  
Para aquecer minha paixão...  
Diga que ainda me ama!  
Ou arranca de vez meu coração.

**ALÁDIA PEREIRA DE ALMEIDA** - Sonetista, natural de Petrópolis, RJ, membro efetivo da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, membro honorário da Academia Petropolitana de Letras, e sócia correspondente das Academias Interamericana de Literatura e Jurisprudência de Anápolis(GO), Academia de Letras de Vassouras(RJ), e Casa do Poeta Brasileiro em Salvador(BA). Patrona da Cadeira n. 9, na Academia Poética da Escola Vila Felipe, em Petrópolis, RJ. Tem, publicados, três livros de sonetos e um de crônicas. Residência; Rua Alexandre Fleming, 34, Indaiá, Petrópolis (25645-200).

## **EU NÃO SABIA**

Eu não sabia que te amava tanto!  
Foi necessária a dor do desenlace,  
foi necessário ter banhada a face  
do mais amargo e mais sentido pranto.

Eu não contava que a magia, o encanto  
da vida, dessa forma se acabasse;  
não esperava que ao sofrer o impasse,  
descobriria que te amava tanto.

Eu não sabia que sentir saudade  
era morrer um pouco a cada dia,  
na solidão de uma fatalidade.

Que a minha vida em ti se resumia,  
que ter-te ao lado era a felicidade,  
e que eu te amava tanto e não sabia.

## **VOU CHORAR AMANHÃ**

Vou chorar amanhã. Hoje estou decidida  
a viver o momento, seja ele qual for;  
vou deixar pra depois toda mágoa escondida,  
vou chorar amanhã, sem vergonha ou temor.

Hoje eu quero viver esta hora proibida,  
neste dia especial de convite ao amor,  
sem sentir-me culpada, receosa, oprimida,  
entregar-me à aventura sem censura ou pudor.

É o momento que conta, é o presente que importa,  
pois não sei se amanhã estarei viva ou morta  
e talvez me arrependa se esta hora eu perder.

Que consolo terá a minh'alma vazia,  
rejeitando este espaço de encantada magia?  
Vou chorar amanhã. Hoje eu quero viver!...

## **NADA ALÉM**

Nada além de um carinho, de um afago,  
uma palavra que conforte e acolha,  
estou carente como a débil folha  
presa no galho a se mirar no lago.

Nada além de uma oferta sem escolha,  
sem exigência que provoque estrago,  
seja um convite bem sutil, bem vago,  
sem que o meu "eu" se humilhe ou se recolha.

Nada além do mais puro, mais sincero,  
pois é tão pouco o que de ti espero,  
sem juras, sem promessas, sem cobrança.

Um olhar, um aceno ou um sorriso,  
um **quase nada** se me faz preciso,  
pois aos meus sonhos basta a esperança

## **RETROCESSO**

Voltei ao ontem de uma sina amarga,  
e lá fiquei nostálgica e sofrida,  
contendo o pranto que a voz embarga  
que inunda o peito e cai n'alma dorida.

Não foi leve nem fácil minha carga,  
mas suportei altiva e destemida:  
- ventura estreita e amargura larga -  
nas dimensões que me ofertou a vida.

Retrocedi decênios na existência,  
fiz um balanço com sã consciência  
de tudo o que gozei ou que sofri.

Valeu a pena dores e alegrias,  
pois hoje eu não estou de mãos vazias,  
sou poeta, sou mãe, amei, vivi!...

**CÂNDIDA PAPINI.** Poeta, contista e cronista premiada em mais de uma centena de concursos literários por todo o Brasil, com participação em dezenas de antologias, jornais, revistas literárias e comissões julgadoras. Possui 1 livro editado ARTEVIVA (poemas), classificado em terceiro lugar no Concurso Nacional de Livros Inéditos – Prêmio Murilo Mendes. Cândida exerce, atualmente, a presidência da Associação de Escritores de Bragança Paulista - ASES.

### **DECLARAÇÃO DE AMOR**

Amor,  
por onde você passar,  
florirão tulipas e gerânios,  
plantados por mim. À sua frente,  
campos de girassóis e sempre-vivas,  
regados com minhas lágrimas,  
enfeitarão sua estrada.  
Onde você estiver, o perfume  
de jasmims e camélias embalsamará  
sua face, quando anoitecer  
e repousar a cabeça nos flocos da paina  
da paineira por mim cuidada.

Não haverá pedras em seu caminho.  
Arrancarei todas com unhas e dentes.  
Espalharei por ele só as flores,  
mesmo sangrando as mãos nos espinhos.

Quando anoitecer em minha vida,  
galhos retorcidos e secos  
estarão tesos e suspensos, assim...  
como braços estendidos  
para o abraço de despedida.

Não haverá mais lágrimas...  
Só as suas, se você chorar por mim.

**CÉLIA LAMOUNIER DE ARAÚJO.** Itapecerica MG - Advogada, escritora premiada, sócia de várias Academias de Letras. Veja poesias, fotos e dados da autora em: [www.celialamounier.hpg.com.br](http://www.celialamounier.hpg.com.br) Passo a Passo (livro virtual) em [www.avbl.com.br](http://www.avbl.com.br)

## **SOLIDÃO**

Eu escrevi sem nem saber a quem  
Estava tão vazia de amizade  
Queria ouvir uma palavra quente  
Que tivesse gosto de saudade.

Queria ouvir, mas o telefone mudo  
O meu simples desejo me desatendeu  
Chamou, chamou... e o som agudo  
Sozinho na noite triste se perdeu.

Então eu escrevi o que sentia  
Fiz do papel meu doce confidente  
E disse... apenas disse que sofria  
Por estar aqui e você ausente.

Queria uma voz na noite  
E o papel calado ali, nem me sorria,  
Na SOLIDÃO não era companhia:  
É que a saudade, o papel não sente.

## **TROVA**

Linha reta, linha torta  
nesta vida leve traço  
vou deixando num abraço  
linha curva que conforta.

## **SONETO AO SORRISO.**

Em prosa e verso cante a nossa vida  
e apenas cante o tempo da alegria  
no sorriso que nasce e desafia  
pois a tristeza leve de vencida.

Sorrindo sempre, eis a contrapartida  
para enfrentar a triste dor vazia  
de algum momento raro, em certo dia,  
de solidão, partida ou despedida.

Se a nuvem traz beleza ao céu de anil  
traçando formas e figuras mil...  
a nossa vida, de sorrisos feita,

Vai ser assim traçada sutilmente  
por nuvens de alegria, ternamente  
cantando a vida, música perfeita.

**\* Vencedora 26º lugar no Concurso Von Breysky 2001 no [www.notivaga.com.br](http://www.notivaga.com.br)**

**CÉLIA PEREGRINE.** Nasceu em Rui Barbosa, Bahia, em 21 de janeiro de 1953. Filha de Manoel Martins Leal e Stelita Moura Leal. Casada com Jucely Rodrigues de Souza, tem 5 filhos – Alex, Danúbia, Tony, Marcos César e Danilo. Sócia correspondente da POEBRAS SALVADOR. Livro publicado: O JABUTI E O JEGUIE.

## **FORÇA DIVINA**

Dai-me forças, PÁI ETERNO  
Me livra deste inferno  
Dai-me forças pra vencer  
Pra poder sobreviver

Neste mundo tem maldade  
Existem muitos covardes  
Que maltratam sem piedade  
Esquecendo tua bondade!

O sol nasce para todos  
Tu não distingues ninguém.  
Ensina para as pessoas más  
Amar ao próximo também...

Dai-me forças pra viver  
Me ensina como fazer  
Pra ajudar a humanidade  
A deixar de ser covarde!

Me tira desta agonia  
De ver tanta covardia!  
Tanta fome, tanta dor!  
Tanta gente sem amor!

Como um trapo eu estou  
vendo o pobre sofredor!  
Escravidado e oprimido!  
PAI... Isto é um castigo?

Vem... Ensina o povo a REZAR  
Aprender a confiar!  
Ser feliz a esperar  
A hora de LIBERTAR.

**EDITH MARLENE DE BARROS.** Petropolitana. Presidente da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni desde 1993. Organizadora da Coletânea Mosaico e da Revista Argila. Membro de várias Entidades Culturais. Prêmios e Medalhas em concursos de trovas e poesias. Participação em Antologias.

### **DOMINGO**

Domingo...seguem horas preguiçosas  
que em procissão, cansadas, vão seguindo.  
Vão lentas, arrastadas, lamentosas,  
iguais à saudade que estou sentindo.

Até meu manacá parece triste  
ou triste é meu olhar que o desfolha.  
Sofro tua ausência que tanto persiste  
que turva meu olhar e meu rosto orvalha.

E vem a tarde que passa tão lenta...  
Abro um livro...fecho...o tempo não passa  
e o entardecer parece não ter pressa.

Enfim a noite... O tédio se ausenta.  
O amanhecer uma esperança enlaça,  
trazendo auroras ternas de promessa...

**ESTER DA SILVA VASCONCELOS.** Poetisa, trovadora. Repetidamente premiada no torneio mensal de trovas nas UBT/Ba. Professora aposentada. Sócia fundadora e diretora tesoureira da Casa.

Quem me dera, quem me dera,  
neste mundo de quimera,  
ser um pássaro a voar.  
Deslumbrar lindas paisagens,  
abrigar-me nas ramagens,  
sentir-me livre e cantar!

Quem me dera ser celeiro  
e ao pobre, sem dinheiro,  
a dispensa abastecer...  
Ser uma montanha gigante  
com pepita deslumbrante  
e o garimpo enriquecer!

Quem me dera, neste instante,  
ser o mar, que, abundante,  
é a vida do pescador!  
Ser madeira, ser abrigo,  
e à velhice, que bendigo,  
aceitar o desamor.

Quem me dera ser profeta,  
criança feliz, ser poeta,  
sonhar, sonhar e escrever!  
Ser amante muito amada  
e por Deus abençoada,  
viver... lutar... e vencer!

**ESTER LEONOR MAGALHÃES FERREIRA – JÔ DE PAULA.** Poetisa. Pertence à POEBRAS SALVADOR. Natural de Rui Barbosa, BA. Livros publicados: *Floração, Retratos - Lembranças do Coração e Cometa da Alegria. Rua Priscila Dutra 378, Cond. Atlantic Ville, Casa 13*  
42700-000 – Lauro de Freitas – BA – tel 3744332

## **VIVENDO INTENSAMENTE**

Para Jayne

Participa da vida  
Vai aos eventos  
Às comemorações  
Aos aniversários  
Aos casamentos

Gosta de estar presente inteira  
Aos chamados, aos convites  
Vibrando a cada acontecimento

Vai também aos enterros  
Alonga a coluna  
Relaxada se senta  
E, silenciosa, medita

Assiste, com profundo respeito aos rituais  
Consciente da importância de cada momento

Cheia de entusiasmo  
Levando a palavra amiga  
Chega aonde é chamada  
Tranquila, feliz da vida !

**HELOÍSA PINTO FREITAS GRADDI – HELOÍSA GRADDI.** Poetisa. Juíza de Direito com exercício na 1ª Turma Recursal Civil e Criminal de Salvador. Membro integrante da UBT Bahia e sócia efetiva da POEBRAS SALVADOR. Pessoa humana de rara sensibilidade, lavra suas sentenças ou expede seu voto quase sempre em poemas construídos em redondilha maior e, apesar da aridez da matéria e das dificuldades inerentes à construção do texto conformado à lei e à norma processual, à praxe, consegue segurar o ritmo poético de forma impressionante. No gênero desconhece-se quem a precedesse. Rua Baraúna, 92, Horto Florestal, Salvador. Nas duas páginas abaixo seu voto no processo JPCV nº 1036/2002, embargo de declaração.

#### **EMENTA**

Embargos DE Declaração.

ADMISSIBILIDADE, SE HÁ OMISSÃO.

Não sendo obrigação de fazer, e para suprir a omissão, os embargos devem-se acolher, retirando a multa em questão.

#### **RELATÓRIO**

Para sensibilizar a Juíza Relatora, quando o Acórdão embargou, a recorrente não autora, alguns versos reportou.

Para a Relatora atingir lançou a provocação anexando, ao redigir, antiga versificação.

Preclaros membros, preciso de vênias para falar, porquanto, o voto conciso, em versos vou prolar.

Almeja a ora embargante com inteira precisão, que em versos e doravante, seja suprida a omissão,

para extirpar totalmente  
a multa a si aplicada,  
pois de todo é procedente  
a motivação explanada...

pela agora embargante  
que com muita exatidão  
quer aceitos nesse instante  
os embargos de declaração.

Pois em face da omissão  
no acórdão detectada,  
suas razões em questão  
devem ser apreciadas.

Diz que a multa aplicada  
pelo juiz sentenciante  
deve ser reexaminada,  
retirada num instante,

porquanto a mesma não cabe  
na obrigação de entregar,  
e que, como já se sabe,  
não deve continuar...

firme e agregada ao julgado,  
devendo ao final da liça,  
ser o apêndice extirpado,  
por ser questão de justiça.

E eis que as razões esposadas  
na peça sob apreciação,  
pede, suplica acatadas,  
para suprir a omissão.

Porque a multa aplicada  
na decisão recorrida,  
merece ser retirada  
uma vez que descabida.

Eis os fatos **Relatados**.  
Lanço o voto à apreciação,  
submetendo-o ao respaldo  
dos membros desta Sessão.

## VOTO

Cuida o recurso presente  
de embargo de declaração  
que, se julgado procedente,  
suprirá a omissão.

A parte que ora recorre  
com rigor e precisão,  
porque a lei lhe socorre,  
suplica a reapreciação...

do douto acórdão embargado,  
omisso, no ponto em questão,  
carecendo ser modificado  
para cumprir sua missão.

Cabe logo esclarecer  
como aponta a recorrente:  
não se há de a multa manter,  
se no todo é improcedente.

E é de inteira razão  
a embargante pleitear  
seja suprida a omissão,  
com o fim de modificar...

o acórdão em questão  
que deixou de examinar  
o tema que sem restrição  
quero e devo analisar.

Por equívoco a relatora  
o pleito da recorrente  
confundiu com o da autora  
recorrida no caso presente.

Com razão, a recorrente  
pleiteia a exclusão total  
da multa, despiciente  
porque de todo ilegal.

Face à sua natureza  
e ao que nos autos se tem  
deve a mesma com certeza  
abolir-se, assim convém.

Sendo obrigação de dar  
e não obrigação de fazer  
a lei ao disciplinar  
quis só estabelecer...

dar firmeza ao cumprimento  
integral da decisão,  
por isto é sem cabimento  
quando há condenação.

**Só na obrigação de fazer**  
consoante a lei vigente,  
e também na de não cometer,  
será a multa prevalente...

a fim de impor à acionada  
o cumprimento da obrigação,  
sendo despropositada  
se é pagar a obrigação.

O recurso há de ser acolhido  
com o fito a modificar  
o que ficou estabelecido  
para a multa erradicar,

porque a multa em questão  
só pode prevalecer  
**se é de fazer**, a obrigação,  
ou quando, **não se deve fazer**.

**Acolho os embargos** em questão  
pelas razões esposadas  
para dar modificação  
à decisão embargada.

Por tal motivo o meu **voto**  
deverá com precisão,  
pelas razões que reporto,  
**prover** a dita omissão.

E por todo o explicitado  
para **suprir a omissão**,  
do acórdão embargado  
**retiro a multa** em questão.

Sendo este o **voto lançado**  
submeto-o a apreciação  
dos membros do Colegiado  
finalizando a decisão.

No **mês de novembro** fluente,  
**04 dias** transcorridos,  
nesta Sessão competente  
são os embargos acolhidos.

Nesta Turma eu sou Juíza  
e como Relatora aqui.  
O meu nome é Heloisa  
Pinto de Freitas Vieira Graddi.

Salvador, 2002

**ILMA FONTES.** De formação, médica. Jornalista por profissão. Poetisa, roteirista de cinema. Dirige e edita com muita garra – ***O CAPITAL, jornal de resistência ao ordinário***, comando-o a partir de Aracaju para o Brasil inteiro. Vive para a arte. As grandes almas nasceram para viver muito e sempre lúcidas, produtivas. Deus a segure até a minha idade. Pelo menos isso. Terá muito que dizer.

### **ORAÇÃO PARA TODAS AS MULHERES DO MUNDO**

Minha Nossa Senhora do Improviso, dai-nos um bom sorriso e a possibilidade de pagar o dentista com um punhado de poesia.

Minha Santa Maria, dai-nos alegria, mesmo diante de panelas vazias.

Minha Santinha do Escapulário, guardai os nossos ovários.

Santos Apóstolos dos Povos drogados, dai-nos diversão e arte... e compreensão de ambas as partes.

Santa Virgem do Menino Caolho, livrai-nos dos flatos de repolho, daqueles que até matam cachorro.

Santa Cecília das pernas finas, fazei que as mulheres de todas as idades se sintam meninas e ouçam "eu te amo" pelo menos uma vez na vida – e que seja verdade o dito.

Senhora Mãe das Marés Rasas, dai-nos fôlego, dai-nos atalhos para vencer os atrasos, as intrigas, as falsas amigas, os tolos e os abestados.

São Tomé dos Desacreditados, livrai-nos dos tagarelas que vivem comentando a vida alheia, alimentando com mentiras a corte dos tarados.

Meu Santo Antônio dos Otários Caídos, livrai-nos dos maus maridos.

Santa Rita de Siri Mole, livrai-nos de todos que engolem qualquer coisa e arrotam carro esporte.

Senhora dos Espinheiros, livrai-nos dos editores bem intencionados e dos revisores também, porque eles existem e podem até matar um morto enquanto vivificam outros zumbis.

Senhor dos Encontros tardios, dai uma mulher para quem tem frio.

A solidão é uma mãe ausente, portanto dos Tropeços, não nos deixeis cair em tentação e livrai-nos desse mal, amém.

Toda Mulher tem em si o começo e o fim do mundo. A diferença é que algumas sabem disso, outras, nem sonham.

## **ARACAJU BY NIGHT**

A noite é magra e alta  
Traz no peito um broche de lua  
E poços de petróleo no ventre  
Anda descalça e dorme  
No ponto de encontro entre  
O sereno e brisa

Guarda nos becos o cheiro  
de urina e derrama o orvalho  
da moringa no momento exato  
do encontro entre dois braços  
quando finda – a noite é linda!

**ISAIAS MOREIRA CAVALCANTE.** Trovador popular, cordelista com perfeito domínio da redondilha menor, filho do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, trovador popular e cordelista dos maiores. No soneto a seguir, homenageia e glorifica o pai, ao seu ensejo de seu aniversário natalício.

### **QUEM FOI RODOLFO CAVALCANTE**

Foi na vida, Rodolfo Cavalcante,  
O maior cordelista brasileiro.  
E na trova, foi também vate brilhante,  
Jornalista e grande folheteiro.

O rei dos trovadores. Um gigante  
Na poesia, na prosa foi guerreiro.  
É saudade demais de Cavalcante!  
Foi um pai para todo violeiro.

Professor, camelô, propagandista,  
Bom palhaço de circo, grande artista,  
Rodolfo um poeta consagrado.

Lá no céu com os belos versos seus  
Vive feliz na morada de Deus,  
E é na terra, pra sempre, mais lembrado.

### **TROVA**

A Rodolfo, alma bondosa,  
Nosso respeito profundo.  
Rei do verso, rei da prosa,  
Maior poeta do mundo.

**IVONE SELISTRE.** Contista e poetisa com dois livros publicados e participação em coletâneas. Faz parte de diversas entidades culturais inclusive a POEBRAS SALVADOR, como sócia correspondente. Premiada em vários concursos literários, inclusive os dois primeiros de nossa POEBRAS. Sempre presente às publicações da Casa.

### **ALMA PEREGRINA**

Trazendo nas sandálias  
o pó do caminho,  
adentra a catedral do tempo  
sem jamais ter feito ninho.

Não ouve, dos desvãos,  
o canto de cotovias  
ou vestígio das preces  
de passadas romarias.

Arrastando cansaços  
em arabescos do ladrilho,  
pensa santos mutilados  
com o manto maltrapilho.

De descrenças, penitente,  
em densas sombras perdidas,  
próprias feridas não sente  
já por sentir-se exaurida.

Mistérios... Silêncio abismal.  
Nem sinos, na catedral.  
De luz violácea, divina,  
lento, o altar se ilumina  
a desvendar o sacrário  
para a alma peregrina.

**JOÃO BOSCO DE CASTRO.** Professor e escritor, jornalista registrado sob número MG06877JP, coronel da Polícia Militar de Minas Gerais. Natural de Pará de Minas, onde nasceu em 31 de janeiro de 1947, sendo filho de João Rodrigues de Castro e Maria Ramos de Castro. Premiado nos dois primeiros concursos da Poebras Salvador, da qual é sócio, recebe este terceiro prêmio. Residência: Rua Epídoto, 143, Santa Tereza, Belo Horizonte (CEP 31010-270).

**CUIA TOSCA OU VASTA MESA,  
TUDO IGUAL PRA NATUREZA!**

O orvalho escorregadio  
Roça o regaço da flor,  
- Veludoso mel de amor!...  
Dom-juânico e vadio  
Colibri zonzinho de ardor,  
Co' o biquinho excitador  
Da nutriz fecundação:  
Ovário transfeito em pão!

Vem o sol... cujo fulgor  
Remoça as fibras da vida  
E já topa o lavrador  
Co' a mão na calosa lida  
Pra livrar do predador  
A agricultura florida  
- Cachos de louro esplendor! -  
E a gameta que engravida  
As delicias da mairá,  
Cana-Caiana e cará...

A chuva, mãe da fartura,  
Exubera a floração  
E enfeitiza a fervedura  
Do cio da plantação,  
Cujo prodígio assegura  
Ao suado cidadão  
O angu e a grande ventura  
Do santo arroz-com-feijão:  
Cuia tosca ou vasta mesa,  
Tudo igual... pra natureza"!

## **JOÃO JUSTINIANO DA FONSECA**

### **SAUDE E TRABALHO NA MATURIDADE**

Placidamente nos oitenta e dois,  
Já não idoso apenas – ancião,  
eu vivo o hoje e penso no depois,  
dou a volta por cima – e por que não?

Se a mente é sã, o corpo é rijo e são.  
Como de tudo. Não dispenso arroz.  
nem carne, vatapá, xinxim, feijão.  
Colesterol? Vamos pensar depois!

Desde menino, assim. Nasci bissexto.  
Continuo a ter sorte. Acordo à aurora.  
Trabalho à perfeição. Cuido o contexto.

Oitenta e dois! Um tempo! Vivo o agora  
ensaiando os noventa. Que pretexto  
me inibiria os cem! Vejo-os lá fora!

### **DAÇÃO**

Eu pudesse ser sol em pleno inverno  
e pudesse ser luz na escuridão;  
ser esperança em todo coração,  
soma de paz e amor, bem eviterno.

Sempre pudesse ser alegre e terno,  
e inteiro transformado em vinho e pão;  
ser céu pudesse, e, ao mesmo tempo, chão,  
para dar chuva e fruto em tempo eterno.

Jamais me preocupar o meu conforto,  
e, como o Cristo ajoelhado no Horto,  
ser humilde segundo por segundo.

Oferecer-me em bem à humanidade  
por vida e morte – pela eternidade,  
o coração distribuído ao mundo.

## ORAÇÃO À POESIA

Minha poesia divina  
dos menestréis do passado,  
vem me fechar a retina  
na hora em que eu for chamado.

Cerra de leve a cortina  
no caixão em que, deitado,  
vá conduzido, e em surdina,  
canta uma ária ao meu lado.

Braços abertos em cruz,  
sê força, calor e luz  
que marque o chão da saudade.

Perpétua no meu esquite,  
como no mar o arrecife,  
vela a minha eternidade.

### O TEMPO

Rolava na grama,  
corria picula, nadava no rio.  
A vida era um largo riso,  
o tempo, um manso brinquedo.

Vem a escola,  
que lhe impõe obrigações.  
- Deveres e obrigações!

Foram-se o rio e a picula,  
foram-se a grama e o sorriso.  
O tempo, uma carga de chumbo!

Que é da picula,  
que é da grama, do rio...  
Que é do sorriso, meu Deus,  
que é do sorriso do tempo?

### APELO

01-10-002

Você que me fecha os olhos,  
por favor, feche-os de leve,  
quando chegar minha hora.

Seja tarde ou seja breve,  
seja hoje ou seja agora,  
você vem fechar-me os olhos.  
Por favor, feche-os de leve!

Quero dormir suavemente  
e viver a eternidade  
ou reencontrar o ignoto.

Pois bem, ao fechar-me os olhos,  
por favor, feche-os de leve!

**MARA CARVALHO LEITE.** Baiana, natural da Chapada Diamantina (BA), reside no Rio Grande do Sul há muito tempo, mas é apaixonada pela Terra Natal. Apreciadora de poesia e Belas Artes tendo participado de várias coletâneas poéticas pelo Brasil. É tradutora-intérprete e professora de línguas estrangeiras.

## **PRAIA DOURADA**

Pela janela do quarto,  
às cinco da manhã,  
surge o sol de mansinho,  
querendo me acordar.

É um novo dia nascendo  
em toda sua beleza.  
São os primeiros raios de sol,  
me desejando bom dia.

Surgem cores no horizonte,  
como se fossem pincéis,  
dando formas e contornos  
ao imenso azul do céu.

E a praia vai dourando,  
uma verdadeira beleza.  
Doura as ondas e a areia,  
brilha toda a natureza.

Nesta hora tão sublime,  
a cidade ainda dorme.  
Vejo apenas na praia  
as primeiras gaivotas.

Encho o peito para sentir  
o cheiro da maresia,  
e agradeço ao Senhor,  
este lindo alvorecer,  
e por estar na Bahia!

**MARIA AMELIA GONÇALVES HILLAL.** Nasceu em Pelotas(RS). Bancária aposentada. Editou "Poemas a Esmo", com suas poesias, e "Recortes da Vida de Francisca Marcant Gonçalves", com apreciações de intelectuais sobre os livros e poesias de sua genitora.

**Mais uma retificação** -No número anterior, o belo soneto de Maria Amélia, **Meus Oitenta Anos**, saiu com incorreção, culpa de minha má digitação. Desculpa, Maria Amélia, amiga, eu sempre caio em cochilos assim. É o corre-corre, a necessidade de dar conta de tudo a tempo e a hora. Desculpa. Vai a seguir, retificação:

#### OUTONO

Outono, vento enfadonho,  
Folhas rolando no chão.  
Que sentimento tristonho  
De saudade, solidão.

Volto ao passado e componho  
Um singelo cantochão  
Colocando todo o sonho  
Fechado em grande caixão.

Outono, quanta tristeza  
Sinto, apesar da beleza  
Dos dias amenos, claros

No chão as folhas rolando.  
E eu, sozinha, recordando,  
Dele, os gestos belos, raros!...

#### MEUS OITENTA ANOS

Meus oitenta anos, bem vividos, tenho!  
Graças a Deus, ao chegar neles, vejo  
Que o corretismo em que pautando venho  
O meu viver, meu rosto não dá pejo.

Dos pais, o santo exemplo, com empenho,  
O praticar, seguido tenho ensejo.  
E o bom conceito que, sempre, mantenho,  
É mais compensador que um casto beijo.

Crete em Jesus e São Judas Tadeu,  
Hoje, desfruto todo o bem tão meu,  
E, desta vida nada mais eu quero;

Pois gozo a Graça que tanto venero  
E faz realizadas minhas metas:  
Tenho um bom filho e duas lindas netas.

**MARIA DE LOURDES PITON.** Natural de Barretos (SP), reside em Olímpia. Licenciada em Filosofia pela PUC de Campinas, membro da Academia Barretense de Cultura, correspondente da APPRL de Petrópolis e da POEBRAS de Salvador. Participa de várias antologias. Publicou "Do Vário Tempo", Editora Soares e "Voz", Scorecci Editora. Residência: Rua São João, 811, Olímpia, SP, CEP 15400-000.

## **PARA O NASCIMENTO ANUNCIADO**

"... tudo o que neste mundo se ama e em sonho se deseja, é realidade". (São Francisco de Assis)

Toda espera ou desejo  
é um advento.  
E o coração, um lírico profeta  
gravando na aspereza da viagem,  
a sagrada escritura da esperança.

Os olhos devassam  
a Via-Láctea.  
Como um mago,  
perscruto os horizontes  
em busca de um sinal.

A hora do sonho é enfim chegada  
neste século novo.  
Simplesmente, magicamente, desponta  
o clarão que te precede,  
meu doce Amor.

Preparo-me como o inverno  
para tornar-me primavera.  
Guardo na mirra amarga e forte dos caminhos  
tesouros antigos e novos dons  
para entregar-te.

Espero!  
Há uma estrela que canta nos meus olhos...  
A tua estrela,  
revelando ao meu mundo,  
a onipotência do Amor  
e o milagre da vida:  
a Mensagem de Deus.

**MILTON COSTA** - natural de Alagoinhas-Bahia. Nascido em 10/12/1926, funcionário público aposentado, poeta e cronista. Medalhas de Bronze nos concursos de Poesia do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes do Rio de Janeiro. Sócio correspondente da Academia Pan - Americana de Letras e Artes, pertence à Casa do Poeta Brasileiro -POEBRAS- Salvador, União Brasileira dos Trovadores - Seção da Bahia -, Grupo de Ação Cultural da Bahia - GAC - BA, Membro da Fundação Educacional e Editorial Universalista - Porto Alegre - RS, escreve para jornais literários do Rio de Janeiro, da capital baiana e cidades do interior. Edita o folheto POESIA - boletim mensal.

#### MAR CALMO

Na quietude do mar,  
o que vejo?  
O poder de Deus se retratar!

Serenidade,  
reflexo de calma.  
Encontro com a vida,  
vibração de alegria!

Beleza,  
simplicidade,  
êxtase,  
poesia;  
pureza,  
encantamento,  
expressões de amor,  
que Deus nos premia.

## **NILSON PETRONILO DE SOUZA**

### **DECASSÍLABO E ALEXANDRINO JUNTOS**

Estou tentando dois sonetos, numa / nova  
poética e exemplar competição, / vai ter  
por base no rimar dos versos, uma / prova,  
firmeza, sem qualquer aberração, / ceder,

com métrica a falhar, pessoa nenhuma / aprova,  
perdoa. Anulada a tal competição, / vai ser  
mudada, o povo quer, pede que assuma / a Trova  
e ganhe um trovador, o medalhão. / Vencer.

Eno Thedoro Wanke, era escritor, / ditoso,  
poeta fraterna e trovador. / Famoso!  
Hoje, neste Brasil, novo imortal / existe

e o seu "Apelo" fez competição, / e explica  
em revistas, jornais... Clama boa ação. / Suplica  
A saudade do vate Eno, é total. / Resiste.

### **DEPOIS DO APOCALIPSE.**

Vinte e cinco, dezembro; ano três mil.  
A humanidade já fraternizada,  
sem o rancor e o agrupamento hostil,  
comemora uma data consagrada

a Jesus, num estádio, no Brasil.  
Esotérica é a festa realizada.  
A aura da Terra, rósea e cor de anil  
não é jamais pelo ódio maculada.

Sem bomba atômica, hidrogênio, gases...  
nunca serão chamados os rapazes,  
para a guerra e a guerrilha entre nações.

Depois do Apocalipse, horrendo, triste...  
na diminuta humanidade, existe  
fraternidade em todos corações.

**OLGA MATHION**, brasileira, professora, acadêmica. Participou da 13ª, 14ª e 15ª edições da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, através de antologias editadas pela Scortecci Editora.

## **A TURMINHA DA GRAMÁTICA PORTUGUESA QUER "STATUS"**

Adivinhe, o leitor, de onde é que a turma veio?!  
O pobre "adjetivo" nunca andou sozinho...  
Quer sempre algum amparo, um valente esteio,  
Às vezes bem legal e sempre bonitinho!

O esteio que o ajuda é o "substantivo",  
Sozinho nunca tem personalidade  
Que o identifica, logo, como um atrativo  
Em "MARIA BONITA"... vê-se essa verdade!

Do "verbo" ninguém gosta; dele todos precisam...  
Quem poderá escrever uma oração sem ele?  
"O SOL QUE AQUECE A TERRA E AS SEMENTES DESLIZAM"  
Para a germinação, no solo, elas dependem dele.

O "verbo" é exigente; além de ter "sujeito".  
Exige um "objeto", "direto" ou "indireto",  
Para se destacar, na graça e no conceito.  
A LÍNGUA PORTUGUESA o torna bem discreto.

Os outros da TURMINHA foram para o esporte.  
"Pronome", "advérbio", "artigo", "numerais".  
Divertem-se de longe em zombaria forte.  
– Gramática?..., irmãozinhos, dá medo... é demais!

O "verbo" ainda grita e quer um "predicado"!  
Exige que uma "oração" seja "coordenada"...  
Até "subordinada". é grande o seu cuidado...  
Quer ser o peão da turma, sem a mulher amada!

"Transitivo direto", reclama um "objeto"!  
No entanto, "intransitivo" expulsa "complemento"!  
Já viu como é mandão?! Quer sempre o correto.  
Parece aquele noivo... antes do casamento!....

O "verbo" é um comandante; os outros só analisam:  
– "NAS TARDES DE VERÃO, ALGUNS PARQUES LONDRINHOS  
POSSUEM LAGOS INTERNOS EM CUJAS ÁGUAS DESLIZAM  
BOTES DE ALUGUEL, PATOS, CISNES" ... e sinos...?

Jamais, caro leitor, é um "período composto"  
De duas "orações", bem claras, "coordenadas".  
Na primeira, o "sujeito" é "simples", bem a gosto:  
– "ALGUNS PARQUES LONDRINHOS" – Que coisas engraçadas!

E não fica só nisso... O "núcleo" do "sujeito"  
É "PARQUES"; há também: – "ALGUNS"; "LONDRINHOS", "INTERNOS",  
Chamados "Adjuntos", e, vejam que é bem direito:  
São "ADNOMINAIS"... Destaques ultramodernos!

Os outros da "TURMINHA" partiram para um rodeio,  
Sem montar em cavalo ou boi; depois concluem:  
"POSSUEM LAGOS INTERNOS". "Predicado Verbal"...! veio!  
"Núcleo do predicado"... – V.T.D. – "possuem"...!

O "verbo" disse logo: – E o "objeto", turma?  
– Pode deixar, "Sr. Verbo", tá aqui: "LAGOS INTERNOS".  
– Lembrem que ele tem "núcleo"... tá? Que ninguém durma...  
– Achamos! – já gritaram: "LAGOS"! Hidro??? Hibernos???

O leitor observa: – E a "segunda oração"?  
"BOTES DE ALUGUEL", também "PATOS E CISNES"?  
O verbo "exclama logo:– Passar... isso é que não...  
"Composto" é o "sujeito", nunca, o cisnes.

"Predicado verbal", "núcleo", também "V.I."  
– Assim: "EM CUJAS ÁGUAS DESLIZAM" – É bom  
subentender que "NAS TARDES DE VERÃO"...  
Chiii!... Vem vindo tudo, em som! O nome é "bombom".

Já sabem... "adjunto", certo, "adjunto"  
"adnominal"... é? – "núcleos", "conectivos"  
sonoros de bom som... eles não são cativos.  
Agora o leitor vê: velório sem defunto!

A morte fez surpresa de alguns acentos:  
"Oxítonas" só? ...até "paroxítonas"...  
Mas Portugal/Brasil já falam em talentos  
Na Língua Portuguesa: as "proparoxítonas".

A turminha só quer mais outro "status" bis:  
Escolas, Professores, apanágio  
Por tudo que fizeram, grande, sem matriz.  
Muito fará agora, no próximo estágio.

**OSWALDO FRANCISCO MARTINS** é engenheiro químico (Ufba, 1976), licenciado em Matemática (Ucsal, 1986), pós-graduado em Engenharia de Processamento Petroquímico (Ufba/Petrobrás, 1976) e mestrando em Engenharia Química (Ufba).

É autor de trabalhos técnicos e científicos defendidos e/ou publicados em veículos afins. Está aposentado e labuta como engenheiro consultor e na qualidade de professor de Matemática em cursos superiores.

Possui cerca de duas centenas de trabalhos literários publicados, onde se incluem crônicas, contos e poesias. Ganhou mais de uma centena de diplomas e medalhas em concursos literários nacionais e internacionais.

Suas obras em poesia são: Pedços de uma existência (Litteris, 1999); Desabafo em versos (Egba, no prelo); Realidades versificadas; Realidades poetadas; Incursões comportadas sobre realidades de um vate; Realidades versejadas em sonetos (Egba, no prelo); Realidades versejadas em trovas; Realidades versejadas em poetriz, volumes I e II (Egba, 2002); e, Versejando em trísticos de Goulart (Egba, 2002). Obra em contos: A caçada matinal e outros contos: aquarela de uma vida. Suas crônicas compõem o volume Crônicas verdadeiras: na pulsão de registrar.

Integra as seguintes entidades literárias: Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias, DF; Academia de Letras e Ciências de São Lourenço, MG; Conselho Acadêmico do Clube de Escritores de Piracicaba, SP; Academia Literária de Barretos, SP; Academia de Letras de Jequié, BA; Casa do Poeta Brasileiro em Salvador – Poebras, BA, onde desempenha a função de Diretor de Intercâmbio Cultural; Grupo Cultural Pórtico, BA; Postal Clube, RJ; e, Cultural Casa das Letras, TO.

Participa do MIP – Movimento Internacional Poetriz desde a sua criação por Goulart Gomes.

*E-mail* para contato: [omartins@cpunet.com.br](mailto:omartins@cpunet.com.br) .

## **FRUSTRAÇÃO FUTURÍSTICA**

É retorno ao passado...  
Passado crítico, traçado...  
Porvir nunca alcançado.

## **POLÍTICO**

Festa de “picaretas”...  
Horrendas máscaras, caretas,  
Cobrem esses “porretas”.

## **FUMO DETERMINÍSTICO**

Fumaça do cão,  
Sofreguidão, dor e extrema-unção,  
Sendas letais são.

## **REVELAÇÃO**

Osso, carne e sexo  
Perfazem um todo conexo  
Revelando nexos.

### **POR UM FIO NA P-36**

Lindos mares bravios,  
Passagem de grandes navios,  
estremece e...Vidas curtas: pavios.

### **PACOTE DA IRONIA**

“Pacote econômico”  
É banquete gastronômico  
**Do rico – que irônico!**

### **CANTO PRAZEROSO**

Neste canto canto  
Canto vindo da alma e, portanto,  
Há, em mim, prazer tanto!

### **A VIDA E O PÓ LETAL**

Voltar ao pó triste  
Persiste no mundo que insiste e  
Diz: “letal porque existe!”

### **CIGARRO**

Canudo com brasa,  
Fumaça, tão quente que arrasa,  
Um doente traça.

### **O “VIRA-BROTO”**

Velho gordo dança,  
Vira broto quando balança...  
– **Carnaval da pança!**

### **ÁGUA, POÉTICA ÁGUA**

Água mole escoia,  
povoa versos e ecoa  
Em cada pessoa.

### **LEILÃO DO BRASIL**

Imagem apodrece  
Em vendas que nos  
- Nativismo padece!

### **AVALIAÇÃO PATOLÓGICA**

Fedores e tristuras,  
Sujas notas de “criaturas”...  
– **Vates em desventuras!**

### **DEMÔNIO**

Maldosa criatura,  
Estatura do cão em feiura,  
Maleus da diabrura.

### **A CASA DO RIO VERMELHO**

Jorge está bem vivo,  
Altivo em cinzas é motivo,  
Jardim e lenitivo!

### **SUCATEADA**

Insegura planta  
Espanta sorte e planta  
Morte em gente tanta.

### **“ANÃO” MOMESCO**

Político safado  
Brincando o carnaval calado:  
**Festa do mascarado.**

### **À TOA**

Eu, tímido *causo*,  
Faço doce o viver salso...  
– Mas estou descalço!...

## **TORPOR**

Torpor gente enlaça,  
Traça seres onde passa...  
Passa tão sem graça!

## **QUAL FLASHES NA NET**

De um tempo já passado,  
De atrasado instante, voltam...  
*Flashes* outra vez!...

## **APRENDIZADO**

Sim, aprendi viver,  
Ter a vida sendo um ser,  
E com seres conviver.

## **FICTÍCIA**

Virtual e falsa  
Sem, entretanto, ser salsa,  
A morrer sem graça!...

## **NA MORTE SEGURANDO VIVOS**

Minha terra vive,  
Sobrevive porque morta  
Tantos vivos comporta.

## **TRASTE**

Caráter mimético,  
Ético jamais... Um falso...  
Imoral... Ser salso.

## **INEDITISMO**

Imagens não previstas,  
Pistas nunca dantes vistas,  
Brilhantes às vistas.

## **SINÉDOQUE**

A cara do vate  
Arde em canto e versa lindo,  
Vindo, da alma, parte.

## **ESCOLADO**

São cinqüenta, sim!  
Enfim meio séc'lo em mim...  
Não é muito ruim!

## **AGRURAS**

Corretas ou não,  
Mão e contramão sendas são...  
Agruras, pois não!

## **PORQUE NÃO LI MAIS...**

Quando tempo tinha  
Minha atenção nunca vinha  
À leitura sozinha!...

## **MORTOS CARREGANDO VIVOS**

Se suportam vivos,  
Altivos no rio onde somem:  
Urubus os comem.

## **LINDAS...**

Flores, flores lindas!  
Deusas, deusas mais que lindas!  
Ambas lindas, lindas!

## **O NOVO NO VELHO CICLO**

Navegando o séc'lo,  
Te clo palavras e mes clo  
O sabido ciclo.

## **A POESIA E A MÍDIA**

Poesia crítica,  
Demais concreta  
É só política  
Que se decreta,

Prende o profeta  
Pelas palavras,  
A quem afeta,  
Matando as lavras!

Ao povo agride,  
No autor progride,  
Na mídia vai.

Cínica e tática,  
Quer ser simpática  
Mas logo trai!

## **A POESIA E O POEMA**

Liberdade e palavras  
Postas entrelaçadas  
Resultam de boas lavras  
Na emoção abraçadas.

Se estão em versos certos,  
Rimando trazem sons  
De poetas espertos  
Nas cadências e tons.

Mas hoje estão ligeiros  
Neste século enfermo  
De profetas matreiros.

Verso metrificado  
Irá sempre a bom termo  
Ante um per-verso dado.

## **A PARALELA**

A Paralela com carros,  
Buzús, motos que correm;  
A Paralela de barros  
E fortes águas que escorrem.

Paralela do Eduardo,  
Deputado da Bahia;  
A Paralela do pardo,  
Negro e branco em companhia.

Estrada ágil dos baianos,  
A passarela de gente  
Desta cidade por anos.

Avenida do amanhã,  
Com o povo já presente  
Na bela luz da manhã!

## **A POESIA DE PORTE**

Se o dia fala e conversa  
E se o poeta o não sente,  
A vida fica perversa  
– Ora, isto não se consente!

Contudo se falta a graça,  
Se o coração luta e sofre,  
O vate não vai à praça,  
Nem tira a obra do cofre.

Se traz o fato bom clima  
E se se evita a maldade,  
O profeta é pois um forte,

Verseja sempre por cima,  
Revela mais a verdade  
Como poesia de porte.

## NA ONDA SINFÔNICA

Há música sobre a onda,  
Onde a graça baila e surfa  
Dando ao desejo que ronda  
Céus e bens, terra, chão, turfa.

Predomina enfim o ritmo,  
Que enquadra o ser da harmonia  
Como se fosse algoritmo  
Do embalo da sinfonia.

Horas passam, muito rápidas,  
Qual se não fossem grandezas  
Sensíveis, reais e sápidas.

E multiplicam-se táticas,  
A revelar as belezas  
De um mundo de *cousas* práticas.

## SOFRIMENTO

Lágrimas a maltratar  
Os corpos vivos e trêmulos,  
Estão pois a retratar  
Os corpos mortos nos túmulos.

Entrecortada e sofrida,  
A voz pesa, fica densa,  
Atenta a mente ferida  
E que quase já não pensa.

A razão chega, concreta,  
Fustiga e instiga o ferido  
Na sua mente secreta.

Sem a vontade danada,  
Pode o ser ficar dorido  
Por todo o sempre, por nada!

## A URUCUBACA NO SER HUMANO

Avejão de todo dia,  
Expulsão da paz sadia,  
Furacão que nos devasta  
Maldição que ao chão arrasta...

Arrasta para a desdita.  
Falta “o basta” que acredita,  
Que aceita e abraça a bonança,  
Faz despontar a esperança...

Esperança desta vida,  
Com pujança tão querida  
Para o cidadão de bem.

Urucubaca que é posta  
Ao ser panaca, composta  
De aporrinhacão do além

## SERES OBTUSOS

Ser obtuso, ser bronco,  
Cuja vida é modorra;  
“Paradão” é qual tronco  
Morto, como a tal zorra...

Zorra mole, morbosa,  
Onde jaz a tristura,  
Falha gelatinosa  
De quem não tem postura,

Com cara de quem luxa  
Ao ver TV com Xuxa  
Implantada nos peitos...

De faltos feitos fartos,  
Para uso antes dos partos  
Tão-somente nos leitos!

**SONILTON CAMPOS.** Nascido em Itaperuna/RJ. Advogado, jornalista, professor. Pós-graduado em Língua Portuguesa Contemporânea e em Direito Civil e Direito Processual Civil.

**Obras literárias**

**Romances:** O Poema do Deus Inacabado, No H da Bahia (ecorromance).

**Poesias:** Só Sonetos (100 sonetos), Harpa Alexandrina (sonetos alexandrinos e traduções do francês), 25 Trovas e Sonetos, 100 Trovas de Sonilton Campos, Trovas & Troças (120 trovas), Sextilhas Implacáveis. **Contos:** Seis Contos à procura de um contista. **Teatro:** SOS para os nossos filhos (monólogo). Reside em Macaé/RJ, na Trav. Jorge Caldas, 30 – Imbetiba Tel.: (22) 2762-3388

**SA, SE, SI, SO, SU...CESSO!**

(Poema em aliteração silábica sucessiva)

**Sábado,**

saboreando sapatos, saí saltitante.

Saltei saliências, sarjetas, sargaços.

Sádico, sacrifiquei sapo, saracura, salamandra.

Salvante santidades, satirizei saci, satanás.

Sabotei safados, sabujos, safardanas, sacripantas.

Sabatinando sabichões, saquei salutar sabedoria.

Sagaz, salvei saldos salariais sacudindo santinhos.

Saudei, sarcasticamente, sacerdote, sacristão, salesiano.

Sambei, saracoteei, sacrificando sanfoneiro.

Saturado, sacudi sapatos.

Salivando saquê saideiro, saí satisfeito.

\*\*\*

**Segunda-feira,**

seguí segurando sentimentos.

Seletivo, separei segmentos sensoriais sem sentido.

Seqüenciando sentires semanalmente sedimentados,  
semeei sete, setenta, setecentas sementes...

Sequer seduzi senhores, senhoras, senhoritas.

Serei sensato: seara seminua sensibiliza-me.

Sedentos sequazes seguiram-me seguidamente.

Sentindo-me sedado, sentimentalmente seviciado,

sentei-me.

\*\*\*

**S**ilenciado, sintonizei-me.  
Simbolista sistemático, sisudo,  
sistematizei significantes, significados,  
símbolos, simples signos.  
Singrando sidéreos sistemas,  
sintetizei sibilinos silogismos,  
singulares simulacros siderais.  
Sim, sinceramente, simplifiquei.  
Sitiado, simulo síndromes,  
simplesmente situando-me.

\*\*\*

**S**oergui-me sofregamente,  
soltando solilóquios sobremaneira sombrios.  
Sobra-me sobrevida, sobretudo soberbia.  
Sondei sortilégios, sonhos soturnos,  
sopesando soluções sobre-humanas.  
Sorrateiramente, sobrepairei socavões sociais,  
sorvendo sonorosos sofreres.  
Sobrepujei, sozinho, sofisticados sociólogos.  
Solene, soletrei sonetos, solfejei sonatas.  
Sorri sobranceiro.

\*\*\*

**S**uficientemente sublimado,  
superestimei submissões, subjugando superegos.  
Surpreendi-me surrealista, subjetivo, sub-reptício,  
sulcando superfícies surpreendentemente suaves.  
Sumamente sutil, subtraí substratos subjacentes,  
suturando susceptibilidades super-sensíveis.  
Supostas sumidades sussurraram-me,  
suscitando sugestão sumária.  
Sugeri, sumariamente:  
- Subam superando-se. Sucesso!

**VALDEVINO NEVES PAIVA.** Poeta, escritor. Autor de vários livros, artigos e poemas publicados em jornais e revistas, inclusive no exterior. Membro de 20 entidades culturais (5 internacionais) e sócio da POEBRAS SALVADOR. Conviveu em Maracangalha por mais de 30 anos, e foi, aí, professor e diretor de colégio, químico industrial e funcionário do Tribunal de Justiça. Res. Av. Ernani Rocha, 2054, São Sebastião do Passé, BA. CEP 43.850-000 Tel (71) 6552554.

## **COMBATE AO ANALFABETISMO \***

### I

Crianças, que palmilhais  
na trilhas de Cinco Rios,  
já podeis do tempo algoz  
aceitar mil desafios.  
Vinde! Pois a escola é a luz  
que altaneira vos conduz  
intensamente a brilhar!...  
"O livro caindo n' alma  
É germe que faz a palma  
É chuva que faz o mar!"

### II

Sim! Sempre na ardente pugna  
do Tempo contra o Saber  
se ouvirem gritos distantes  
bradando aos jovens – Vencer!  
E a força do patriotismo  
prostrando o analfabetismo  
deixa-o sangrando no chão...  
Sonhando a Posteridade  
Castro Alves diz –" Liberdade!"  
Contemplando a escravidão.

### III

Liberdade, embora tarde!  
- Diz, sofrendo, Tiradentes -  
Crianças! Dos homens bravos  
sois as prósperas sementes!  
Das escolas sob os tetos  
não sereis analfabetos  
nem sonhareis utopias.  
Mesmo no paroxismo  
"Que morra o analfabetismo!"  
- Brada Cosme de Farias.

#### IV

Vençamos, pois, este opróbrio!  
Mostremos nosso valor!  
Abramos no céu das letras,  
nossas asas de condor!  
Ovelhinhas desgarradas,  
sigamos noutras estradas  
se o cardo nos fere os pés...  
A escola é o aprisco dos céus,  
vinde, ovelhinhas de Deus!  
Faraó persegue Moisés.

#### V

Livres filhos da Bahia!  
- Berço altaneiro da glória -  
Vossos nomes ainda possam  
brilhar nas laudas da História...  
Sim! Que a Grécia ora desmaia  
fitando a "Águia de Haia"  
qual Demóstenes... qual Sócrates...  
A letra é o bálsamo vivo,  
vamos, portanto, no livro  
beber o néctar de Hipócrates!

#### VI

Vinde, pois, rudes crianças,  
o não saber vos oprime.  
Cantemos mil esperanças  
com a doce voz de Caymmi!  
Do artista o gênio trabalha  
da velha MARACANGALHA  
perfil sublime a talhar...  
"O livro caindo n'alma  
É germe que faz a palma!  
É chuva que faz o mar"

Escrito quando o autor era Secretário Municipal de Educação.  
In Anuário de Poetas do Brasil/1981 – Rio de Janeiro

## LÁ VEM CAYMMI

Lá vem Dorival Caymmi  
a cabeça vestida de luar  
a roupa branca, o coração vermelho,  
cantando o azul do mar... azul como o azul do céu!  
Azul, vermelho e branco  
- as cores das Bahia -  
.... Bahia dentro do peito!...  
Tiro o chapéu com respeito.

Lá vem Dorival Caymmi:  
na cabeça – um mundo de versos,  
nos lábios – um riso de melodia,  
no coração – a Bahia...  
Aos seus pés – o mar... a história!...  
Setenta Anos de amor  
- vôo rasante de condor pelas colinas da glória  
- Patrimônio do Brasil! -  
-

Lá vem Dorival Caymmi  
de terno e chapéu de palha  
todo enfeitado de fita!  
Vem ver a moça bonita...  
Vem cantar MARACANGALHA!...

É roda de capoeira!  
É roda de samba vivo!  
É povo alegre cantando  
"Parabéns para você!"  
Caymmi, doce de coco, acarajé, abará,  
todo cheirando a dendê  
- o cheirinho da Bahia!...  
- água de flor de Amália  
rodopiando na sala...  
Lá vem Dorival Caymmi  
vem cantar MARACANGALHA!

**\* Homenagem aos setenta anos de Caymmi.,  
In Anuário de Poetas do Brasil/1984. Rio de Janeiro  
In MARACANGALHA – Torção de Açúcar, Talhão de Massapé/1996**

## **TROVA**

Neste Natal quero paz,  
quero amor, quero perdão.  
Quero Cristo redivivo  
dentro de meu coração.

## **MENOTTI DEL PICCHIA (*Ressurreição II*)**

Ser feliz! Ser feliz estava em mim, Senhora...  
Este sonho que ergui, o poderia por  
onde quisesse, longe até da minha dor,  
em um lugar qualquer, onde a ventura mora;

onde, quando o buscasse, o encontrasse a toda hora,  
tivesse-o em minhas mãos... Mas, louco sonhador,  
eu coloquei muito alto o meu sonho de amor...  
Guardei-o em vosso olhar e me arrependo agora.

O homem foi sempre assim... Em sua ingenuidade  
teme levar consigo o próprio sonho, a esmo,  
e oculta-o sem saber se depois o achará...

E, quando vai buscar sua felicidade,  
ele, que poderia encontra-la em si mesmo,  
escondeu-a tão bem, que nem sabe onde está!

## **MANUEL BANDEIRA (*Estrela da Vida Inteira*) A ARANHA**

Não te afastes de mim, temendo a minha sanha  
e o meu veneno... Escuta a minha triste história:  
Aracne foi meu nome e na trama ilusória  
das rendas florescia a minha graça estranha.

Um dia desafiei Minerva. De tamanha  
ousadia, hoje espio a incomparável glória...  
Venci a deusa. Então, ciumenta da vitória,  
ela não ma perdoou: vingou-se e fez-me aranha!

Eu que era branca e linda, eis-me medonha e escura.  
Inspiro horror... Ó tu que espias a urdidura  
da minha teia, atenta ao que palpo fia:

Pensa que fui mulher e tive dedos ágeis,  
sob os quais incessante e vária a fantasia  
criava a pala sutil para os teus ombros frágeis...

**CASTRO ALVES**  
**QUEM DÁ AOS POBRES EMPRESTA A DSEUS.**

Poema declamado a 31 de outubro de 1867, no Gabinete Português, ao ensejo da exibição de "O Gonzaga" em benefício das famílias dos soldados brasileiros mortos na guerra do Paraguai. (Norlândio Meireles de Almeida em Cronologia de Castro Alves)

Eu que a pobreza de meus pobres cantos  
dei aos heróis – aos miseráveis grandes –  
eu que sou cego – mas só peço luzes...  
Que sou pequeno –mas fito os Andes...  
Canto nesta hora, como o bardo antigo  
das priscas eras que bem longe vão,  
o grande NADA dos heróis que dormem  
do vasto Pampa no funéreo chão...

Duas grandezas neste instante cruzam-se!  
Duas realezas hoje aqui se abraçam!...  
Uma – é um livro laureado em luzes...  
outra – uma espada, onde os lauréis se enlaçam.  
Nem cora o livro de ombrear com o sabre...  
Nem cora o sabre de chamá-lo irmão...  
Quando em loureiro se biparte o gládio  
do vasto Pampa no funéreo chão.

E foram grandes, teus heróis, ó Pátria.  
- mulher fecunda que não cria escravos -  
Que ao tom da guerra soluçaste aos filhos!  
Parti – soldados, mas voltai-me – bravos!"  
E qual Moema, desgrenhada, altiva,  
Eis tua prole, que se arroja então,  
de um mar de glórias apartando as vagas  
do vasto Pampa no funéreo chão.

Ai quantas vezes a criança loura  
seu pai procura, pequenina e nua,  
e vai, brincando com o vetusto sabre,  
sentar-se à espera, no portal da rua...  
Mísera mãe, sobre o teu peito aquece  
esta avezinha que não tem mais pão...  
Seu pai descansa – fulminado cedro -  
do vasto Pampa no funéreo chão.

Mas já que as águias lá no sul tombaram  
e os filhos d'águias o Poder esquece...  
É grande, é nobre, é gigantesco, é santo!...  
Lançai a esmola e colhereis – a prece!...  
Oh! daí a esmola... que do infante lindo  
por entre os dedos da pequena mão,  
ela transborda... E vai cair nas tumbas  
do vasto Pampa no funéreo chão.

Há duas cousas neste mundo, santas;  
- o rir do infante – o descansar do morto...  
O berço – é a barca que encalhou na vida,  
a cova – é barca do sidéreo porto...  
E vós dissestes para o berço – Avante!  
enquanto os nautas que ao Eterno vão,  
os ossos deixam, qual na praia as âncoras,  
do vasto Pampa no funéreo chão.

É santo o laço em que hoje aqui se estreitam  
de heróicos troncos – os rebentos novos!  
É que são gêmeos dos heróis os filhos,  
inda que filhos de diversos povos!  
Sim! Me parece que nesta hora augusta  
os mortos saltam da feral mansão...  
E um "bravo!" altivo de além-mar partindo  
rola dos Pampas no funéreo chão!...

## **PÁGINA DE FECHO**

Jorge Amado.(ABC de Castro Alves)

"Este de quem te falarei não tinha armas também. Ia de peito aberto e a todos vencia. Vencia os homens, os fortes do mundo que esmagavam negros escravos, vencia as mulheres, as mais belas da terra, as que esmagavam corações. Te direi das lutas, das primeiras e das últimas, e saberás então o motivo por que ninguém é indiferente perante ele, odiado dos tiranos, amado do povo. Te falarei dele como já te falei de besouro, de Lucas da Feira, de Rosa Palmeirão e tam,bem, do negro Antônio Balduino.

Talvez invente menos, talvez não invente mesmo nada que nada é preciso acrescentar para que a sua vida seja um prodígio de beleza. É possível, no entanto, que te diga que ele fez coisas que apenas escreveu, que te conte de conversas que ninguém assistiu e talvez nem houvessem existido. Mas que, em verdade deviam ter existido, estavam no que ele produziu, nos versos que deixou. Se o fizer, amiga, será para que tenhas uma nítida idéia de como ele era forte como o tufão quando se jogava contra as injustiças e de como era brando como a brisa quando a sua voz se dirigia a tímidos ouvidos. Só inventarei o que estiver de acordo com ele, o que couber na sua figura cuja sombra se projeta cada vez maior sobre todos os que escrevem e sentem no Brasil. Até sobre este teu amigo, contador de histórias de negros e marítimos.

Já viste da beira do cais o vento noroeste se despenhar sobre a cidade e o mar, levar embarcações, desatracar navios, mudar o rumo dos transatlânticos, transformar a cor das águas? É rápido, inquietante, belo, quase irreal. Dura um instante na medida do tempo. Mas, mesmo depois que o noroeste passa e volta a calmaria, fica a sua a lembrança e é impossível esquece-lo porque tudo mudou na face das coisas: é outra a fisionomia do cais e o ar que se respira é mais puro. Assim, negra, foi Castro Alves. Tinha a força do vento noroeste, o seu ímpeto, a sua violência. Tinha a sua beleza também. E deixou o ar mais puro, a sua lembrança imortal.

Tinha a precocidade desses moleques de rua a quem acaricias a cabeça e dos quais te contei a história. Começou muito moço e muito moço terminou. Foi o mais belo espetáculo de juventude e de gênio que os céus da América presenciaram.

Vê no céu, ele brilha, é a mais poderosa das estrelas. Mas o encontrarás também nas ruas de qualquer cidade, no quarto de qualquer casa. Seja onde for que haja jovens, corações pulsando pela humanidade, em qualquer desses corações encontrarás Castro Alves".

## **O PATROMO PERPÉTUO DA CASA**

Destacamos, como na contracapa dos números anteriores, um dos raros e belos sonetos de Castro Alves. "És a glória talvez! Talvez a morte!", ele brada à frente da megera que o consome lentamente. Era a glória!

### **8ª SOMBRA ÚLTIMO FANTASMA.**

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,  
Que te elevas da noite na orvalhada?  
Tens a face nas sombras mergulhada...  
Sobre as névoas te libras vaporoso...

Baixas do céu num vôo harmonioso!...  
Quem és tu, bela e branca desposada?  
Da laranjeira em flor, a flor nevada  
Cerca-te a fronte, ó ser misterioso!...

Onde nos vimos nós?... És doutra esfera?  
És o ser que busquei do sul ao norte...  
Por quem meu peito, em sonhos, desespera?...

Quem és tu? Quem és tu? – És minha sorte!  
És talvez o ideal que est' alma espera!  
És a glória talvez! Talvez a morte!...

## **O PATRONO DE HONRA**

Virgílio José de Almeida é o nosso patrono de honra. Estará festejando neste ano, aos 8 de outubro, os seus 92 anos de trabalho, sonho e poesia. A seguir, o expressivo soneto de sua autoria

### **Advertência**

Surgiu no céu uma trombeta enorme,  
Soltando um brado que estremece o mundo.  
Desde a montanha ao vale mais profundo,  
Desperta tudo que na terra dorme.

Enverga Marte, célere, o uniforme,  
De sangue e fogo com ímpeto iracundo!  
A cada passo geme um moribundo,  
Não fica nada que não se transforme.

O mundo sofre o seu cruel destino.  
Envolto em sombras do fatal sudário,  
Cumpriram-se destarte as profecias.

Cai do atroz drama o pano escarlatino...  
Façamos, pois, o nosso santuário,  
Que se aproxima a volta do Messias.

St. Antônio de Jesus, 19/08/47